

## VICISSITUDES DOS ESPAÇOS AFRO-BRASILEIROS: AS IGREJAS DE NOSSA SENHORA DO ROSÁRIO DOS PRETOS DA CIDADE DE SÃO PAULO E DE SUAS FREGUESIAS

*Fabricio Forganés Santos*<sup>1</sup>

A religião e a escravidão foram dois instrumentos imprescindíveis para a concretização dos propósitos da Coroa Portuguesa nos seus processos de colonização na América. O objetivo final era a extração das riquezas e a consequente geração de lucros para o Rei, contudo o acordo estabelecido com a Ordem de *Christo*, principal instituição a financiar as navegações<sup>2</sup>, teria como uma das premissas a implantação da fé católica nas colônias através da evangelização dos novos povos. Também o lucro teria motivado o ingresso do reino de Portugal no continente africano, contudo a conversão ao catolicismo, neste caso, faria parte do plano de salvação fundamentado em bases teológicas, estando o processo de rapto e envio dos negros para os portos brasileiros caracterizado como a primeira etapa do purgatório.

Os negros foram apresentados a Nossa Senhora do Rosário pelos dominicanos ainda na África, e em Portugal criaram uma confraria para suas práticas católicas na Igreja do Convento de Santo Domingo<sup>3</sup>. A devoção ao rosário teve sua origem na aparição da Virgem Maria a São Domingos em 1208, cabendo, portanto, aos dominicanos a propagação desta prática, bem como a divulgação dela entre os religiosos e devotos leigos. Aos africanos, a semelhança do rosário com o “*opelê*”, instrumento de adivinhação dos sacerdotes de “*ifá*”, favoreceu a aceitação deste objeto místico principalmente por parte dos negros bantos, corroborando para o êxito das estratégias de evangelização idealizadas pelo Rei de Portugal, e favorecendo sobretudo as investidas das tropas portuguesas na África a partir do reino do Congo.

A chegada dos negros no Brasil coincidiria com as diferentes fases da economia colonial brasileira, historicamente tendo início com a temporalidade da cana de açúcar na região do Nordeste. Sendo assim, embora já existissem negros escravos atuando como mão-de-obra em vilas da região sudeste, o primeiro grande contingente africano chegaria para suprir as demandas das atividades agrícolas em Pernambuco, Alagoas e Bahia. A Igreja no Brasil, sob o regime do Padroado, contribuiria com o rei de Portugal na conquista de seus objetivos econômicos, e ainda que o clero tivesse para com o negro uma aparente preocupação no resgate de sua alma, o intuito maior era usufruir ao máximo dos serviços do escravo também em benefício das ordens religiosas. Somado a isto, a escassez de sacerdotes impossibilitaria um maior controle acerca da constância da fé destes cristãos novos, e os poucos padres em geral dedicavam

---

<sup>1</sup> Arquiteto e Urbanista pela Universidade Católica de Santos - UNISANTOS, docente no Museu de Arte Sacra de São Paulo – MAS-SP e pesquisador das Irmandades Negras pela Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo – FAU USP

<sup>2</sup> Cf. HOONAERT, Eduardo. *A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*. São Paulo: Ed. Brasiliense, 1994, pp. 12.

<sup>3</sup> TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal*. Lisboa: Editora Caminho S.A., 1988.

maior tempo para atender as necessidades dos brancos,<sup>4</sup> restando aos negros o ingresso às irmandades como alternativa para suas práticas devocionais.

A igreja católica, com seus severos métodos durante o embarque dos negros ainda na África, após a imposição do batismo, os exortava a “não se deixarem levar pelas antigas práticas”, compulsoriamente os incluindo em um novo meio cultural, a caminho de um lugar distante onde aprenderiam as “coisas da fé”. Contudo, ainda que houvesse a expectativa de se apagar a herança cultural destes negros a partir da imposição de uma nova crença, é incontestável que as identidades se revelariam no solo brasileiro quando estes africanos se encontrassem com outros negros de mesma origem, principalmente nos espaços das irmandades. Existiam divergências causadas pelas diferenças identitárias, contudo o negro escravo acabou compreendendo que, mesmo que as irmandades não lhe conferissem igualdade social com os brancos, elas seriam um privilegiado espaço de liberdade. Além da sociabilidade, as irmandades também poderiam resolver uma questão fundamental da tradição africana que era o culto aos mortos, concedendo aos escravos um lugar digno para suas sepulturas o que, de acordo com suas crenças, proporcionaria uma passagem segura do mundo dos vivos para o mundo dos ancestrais.<sup>5</sup> Certamente esta necessidade justificou a rapidez na adesão de alguns escravos às irmandades, e assimilar em maior ou menor dose a cristianismo passou a ser uma decisão particular de cada irmão.

No Brasil, a devoção a Nossa Senhora do Rosário seria introduzida pelos padres jesuítas e, à medida que os escravos chegavam havia a implantação de Irmandades Negras nas cidades, seguindo o modelo da confraria portuguesa na elaboração de compromissos, incluindo no caso brasileiro a reponsabilidade pela construção dos lugares de culto. Nas cidades brasileiras, o traçado urbano colonial contribuiria para reafirmar o papel que o africano escravo teria na sociedade da época. Ainda que alguns negros cativos alcançassem a liberdade por intermédio de cartas de alforria, teriam que conviver nos ambientes condicionados a todos de sua cor, uma vez que somente à sociedade branca estaria reservado o que a cidade poderia oferecer de melhor. Tal regra seria aplicada também as capelas ou igrejas das Irmandades dos Homens Pretos cuja implantação e a arquitetura não deveria ofuscar a igreja matriz, geralmente destinada às confrarias dos brancos.<sup>6</sup>

A construção das capelas e igrejas das irmandades ficaria a expensas dos irmãos, bem como o cemitério em que eram sepultados. Além destes imóveis construídos a partir da arrecadação de esmolas por parte dos irmãos negros, a irmandade ainda era proprietária, com direitos civis reconhecidos, dos “*animais de sela, imagens, utensílios e mobiliário dos seus respectivos templos.*”<sup>7</sup> A respeito da riqueza arquitetônica destes prédios, o conjunto poderia variar em decorrência do tempo que a edificação levaria para ser

<sup>4</sup> LEITE, Serafim. História da Companhia de Jesus no Brasil (1938). São Paulo: Edições Loyola, 2004. 4 V.

<sup>5</sup> ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Bantu*. Luanda: Editora Paulinas, 2014.

<sup>6</sup> Cf. TIRAPELLI, Percival. *Arquitetura e urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético*. 1. ed. - São Paulo: Editora UNESP/ Edições Sesc São Paulo, 2014, pp. 180.

<sup>7</sup> Cf. SALLES, Fritz Teixeira. *Associações religiosas no ciclo do ouro*. Universidade de Minas Gerais – Belo Horizonte, MG. 1963, pp. 22

construída, da importância econômica do local em que estava situada, ou mesmo das estratégias que estavam à disposição dos negros na obtenção dos recursos necessários para a execução do projeto. No Brasil, o cristianismo com influência africana avançou inclusive até os quilombos ou redutos dos escravos foragidos, tornando estes lugares importantes espaços do catolicismo afro-brasileiro nas áreas mais longínquas do país. Sendo a escolha pelo catolicismo nestes esconderijos algo opcional, esta religiosidade atestaria a adesão da grande parte dos negros à essa modalidade religiosa, sugerindo que os esforços na arquitetura das Igrejas das Irmandades de Homens Pretos teriam como meta a preservação física de espaços de resistência inseridos nos centros das principais cidades.

Ainda que a quantidade de negros a cidade de São Paulo fosse insignificante quando comparada as cidades do Rio de Janeiro, Minas Gerais ou Bahia, ainda no século XVIII se deu a criação da primeira irmandade de negros. O documento que registra este fato é um pedido ao Rei de um sino e ornamentos para um altar, dando a entender que as atividades da Irmandade dos Homens Pretos de Nossa Senhora do Rosário já aconteciam desde 1721 em uma igreja cuja localização não se sabe.<sup>8</sup> Posteriormente, em 1725 o ermitão Domingos de Mello Tavares conseguiria autorização do Arcebispado da Bahia para a construção da igreja, localizada em um terreno próximo a igreja dos beneditinos, dentro do triângulo religioso paulista.

Além da vila de Piratininga em outras duas freguesias também seriam implantadas irmandades para os escravos durante o segundo quartel do século XVIII. Na freguesia de Nossa Senhora da Conceição a descoberta de lavras no século XVII havia direcionado um contingente de escravos para atividades mineradoras corroborando para a organização da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos por volta do ano de 1720, cuja capela já estava erguida no ano de 1757 data em que, de acordo com os documentos da Cúria Diocesana, foi usada como matriz.<sup>9</sup> Perto dali, na freguesia de Nossa Senhora da Penha, importante ponto de parada no caminho para Minas, outra confraria de escravos se organizava desde 1755 para a construção de seu templo, autorizado em 1802 pelo vigário de São Paulo.<sup>10</sup>

Embora construídas com um intervalo de aproximadamente 50 anos, as três igrejas preservaram certas características revelando uma possível tendência na tipologia arquitetônica, técnicas construtivas e composição plástica do interior das capelas. Ainda que não haja imagens que retratem o interior destes edifícios, os documentos pesquisados reforçam algumas particularidades imanentes em ambas edificações, revelando o acabamento rústico resultante do uso de matérias mais baratas em contraposição a pouca ou inexistente presença de pinturas devido ao alto custo de tais trabalhos, e a opção pela disposição de santos

---

<sup>8</sup> Cf. ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954, pp. 204

<sup>9</sup> Cf. Livro 02.04.052, Contas da Irmandade de N.S. do Rosário dos Homens Pretos da Freguesia de N. S. da Conceição de Guarulhos, 1784 - 1809. Arquivo Arquidiocesano de São Paulo

<sup>10</sup> O auto de ereção datado de 16 de junho de 1802 encontra-se no Livro de Patrimônio 002 – 01.02.003. P. 214. no Arquivo Arquidiocesano de São Paulo. O livro de Assentamentos dos Irmãos de Nossa Senhora do Rosário da Penha de França anota nas primeiras páginas o pagamento de um homem de nome Antônio, no ano de 1755, informação que constata a existência desta Irmandade já neste ano. Livro de Assentamento da irmandade de N.S. do Rosário dos Pretos. 1755-1880. Livro 01. 04-02-044 do Arquivo da Diocese de São Miguel Paulista, SP.

negros nos altares dos templos, destacando São Benedito em um altar lateral e Nossa Senhora do Rosário no altar principal, orago este que em todos os três casos, a despeito das devidas dificuldades financeiras, portava uma coroa em prata.

Após a elevação de São Paulo a categoria de cidade, a partir do segundo quartel do século XVIII, no momento da criação do Bispado de São Paulo teve origem o cisma entre a igreja paulista e os negros escravos. O primeiro bispo, Dom Bernardo Rodrigues Nogueira, já em 1750 apoiava as investidas do governador Luís Mascarenhas contra os quilombos existentes nas proximidades de São Paulo, estando de acordo também com outras medidas que a sociedade tomava contra os negros africanos como a proibição das danças e jogos e a cobrança arbitrária de Rs 0\$320 réis como pagamento dos escravos aos párocos na encomendação de defuntos.<sup>11</sup>

Ainda na primeira década do século XIX a Irmandade do Rosário da região central de São Paulo ampliaria seu poder econômico, estando entre os 20 proprietários de patrimônio imobiliário da cidade, e no quarto lugar entre os religiosos possuindo 8 imóveis.<sup>12</sup> Quanto aos negros da Irmandade da freguesia de Guarulhos, estes também organizariam um importante patrimônio composto de joias e imóveis que eram alugados a brancos e negros libertos da freguesia; no inventário datado de 1833, além dos reajustes no valor dos alugueis de casas e de um terreno contíguo a capela, são relacionados entre as joias três coroas de prata e um “*hum roزاریo de ouro contendo huma cruz com 55 graos de ouro de boa grossura e setenta e hum disto mais fino*”, o que de certa forma comprova que os negros irmãos desta confraria haviam adquirido um importante patrimônio se for levada em consideração a economia do local onde estavam.<sup>13</sup> Em contraponto a estas duas irmandades, no inventário dos negros confrades da Penha, além das imagens de São Benedito e de Nossa Senhora do Rosário, estariam relacionados uma coroa e um crucifixo de altar em prata. A boa articulação dos negros de São Paulo chamaria a atenção da Câmara Municipal que, planejando reformular o traçado urbano, decidiria em 1858 incluir os terrenos da igreja e suas casas, decisão que se consolidada no ano de 1872 quando ficou determinado que o terreno do Rosário bem como seus imóveis eram de “utilidade pública”. Somado aos interesses do governo local, as novas diretrizes do Concílio Vaticano I teriam seus ecos na igreja paulistana que apoiaria tal medida objetivando o enfraquecimento das irmandades dos negros leigos.

As cidades brasileiras nas primeiras décadas do século XX sofreriam intervenções consideráveis no traçado urbano utilizando, em alguns casos, os modelos europeus na expectativa de eliminar o passado colonial e trazer a modernidade ao país imprimindo novos padrões de higienização, o que motivaria a expulsão dos negros das regiões privilegiadas das cidades. Em São Paulo, o primeiro alvo foi a Igreja de

<sup>11</sup> Cf. SOUZA, Ney de. *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Editora Paulinas, 2004. Capítulo 5.

<sup>12</sup> Cf. BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na décima urbana de 1809*. Anais do Museu Paulista, V-13, N-1. Ano 2005.

<sup>13</sup> Cf. Livro 04.02.071, Inventário da Irmandade de N.S. do Rosário dos Homens Pretos da Freguesia de N.S. da Conceição de Guarulhos 1833-1892, pp. 10. Arquivo Arquidiocesano de São Paulo.

Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos localizada próximo ao centro da cidade, executando o que havia sido decidido pela Câmara Municipal no final do século XIX; o terreno da igreja, do cemitério e das casas seriam desapropriados, e os negros proprietários seriam ressarcidos com certa quantia em dinheiro e o projeto arquitetônico do novo templo. Em 1903 o Largo passaria a se chamar Praça Antônio Prado, e no ano seguinte a pedra lançada no Largo do Paissandu selaria o novo lugar da Igreja da Irmandade dos negros, inaugurada apenas em 1907 com arquitetura seguindo o modelo vigente na época, o ecletismo. As plantas baixas com os traçados urbanos do final destas primeiras décadas revelam as regiões de interesse imobiliário e econômico, colocando em xeque os edifícios das igrejas das irmandades dos negros que aí se localizam, ora apontadas e ora ignoradas pelos desenhistas.

O traçado da cidade de Guarulhos também contribuiria para a expropriação dos terrenos dos negros do Rosário ainda nas primeiras décadas do século XX. O ingresso dos imigrantes europeus e os processos de “modernização” aplicados ao urbanismo da cidade de São Paulo motivariam a Câmara Municipal de Guarulhos a propor reformas na região central, corroborando para a criação de uma comissão de reforma. Tal grupo, composto pela elite guarulhense, solicitaria no ano de 1928 a reconstrução da capela de Nossa Senhora do Rosário uma vez que o templo encontrava-se em ruínas ameaçando desabar. Não obstante, ofereciam o terreno da igreja e outros contíguos para o alargamento da rua o que além de “trazer embelezamento e melhoramento local” seria de “elevada utilidade para o trânsito público”. No dia 16 de maio de 1928 a Câmara promulgaria a lei nº 78 concedendo auxílio de Rs 10.000\$000 réis para a reconstrução do templo, quantia paga ao vigário da paróquia para a compra de um terreno, elaboração de projeto arquitetônico e construção do novo templo.<sup>14</sup>

Em oposição às adversidades ocorridas nestes dois templos das irmandades negras, a Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha de França conseguiria se preservar em sua integridade física, recebendo apenas ajustes na fachada decorada com padrões decorativos da época, ou anexos que possibilitariam novos usos ao edifício. A única intervenção no tocante as atividades religiosas seria a vigilância dos padres Redentoristas, recém-chegados em São Paulo e orientadores espirituais desta igreja desde o ano de 1905, que vez ou outra intervinham nas formas de culto ou nas atividades realizadas pela irmandade, alterando o orago no ano de 1934 para São Benedito.<sup>15</sup>

Uma nova Igreja de Nossa Senhora do Rosário seria construída na região central de Guarulhos ainda na década de 1930. Contudo, o lugar da antiga igreja seria ocupado pelo Clube Recreativo de Guarulhos, organização administrada por uma família de origem italiana. O neoclássico foi o modelo utilizado tanto para este prédio quanto para a nova igreja que em 1940 passaria a se chamar Igreja de Nossa Senhora do Rosário de Fátima, apagando definitivamente a presença negra do patrimônio religioso desta cidade.

<sup>14</sup> OMAR, Elmi H. *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Guarulhos. Identidade, Cultura e Religiosidade*. São Paulo, Editora Navegar, 2013.

<sup>15</sup> Cf. anotação do Livro de Tombo da Paróquia da Penha SM 0695, localizado no Arquivo da Diocese de São Miguel Paulista, SP.

Em São Paulo a Câmara Municipal novamente teria como alvo a Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos, argumentando a necessidade de reformulação do traçado viário daquele entorno e a opção por implantar no largo do Paissandu uma estátua do Duque de Caxias, projeto do artista italiano Victor Brecheret vencedor de um concurso público realizado na década de 1940. As negociações dariam a Irmandade um novo terreno no bairro da Barra Funda, mas, problemas políticos encerraram a questão e então a igreja se manteve neste local. No ano de 1953 o prefeito Jânio Quadros acataria a sugestão de um grupo de políticos da época, criando o concurso para a estátua da Mãe Preta, escultura do artista Júlio Guerra que, embora tenha sofrido críticas na época devido as linhas delicadas que a mulher apresentava, foi instalada no Largo do Paissandu na tentativa de recriar uma ambiência com elementos que pudessem reforçar o caráter africano da praça.

As intervenções urbanas e arquitetônicas influenciaram diretamente as atividades religiosas e culturais dos negros ao redor das Igrejas de Nossa Senhora do Rosário. Na região central paulista, as inúmeras tentativas de expulsão da população negra contribuíram para o esvaziamento da irmandade e redução das atividades religiosas. Concorrendo com este grupo, os irmãos locados na Igreja do bairro da Penha sofreriam com as interdições dos padres redentoristas, impossibilitados de realizar suas festas e celebrar suas missas inculturadas. Em Guarulhos, a substituição do orago por uma Virgem portuguesa incitaria a realização dos festejos negros e das congadas em um bairro muito distante do centro, evento realizado até o ano de 1959 conforme relatam os documentos eclesiásticos.

As últimas décadas do século XX seriam importantes para as discussões acerca do patrimônio paulista das irmandades negras. Em 1982 o CONDEPHAAT decretaria o tombamento da Igreja de Nossa Senhora do Rosário da Penha de França, instrumento legal que contribuiria para a preservação da integridade desta edificação, a única que se manteve em seu lugar de origem. Em Guarulhos, as reformas urbanas na região central no ano de 2008 contribuiriam para a descoberta de ossadas atribuídas aos negros sepultados na igreja e no cemitério da Irmandade do Rosário. Em 2012 seria aberto processo no CONDEPHAAT para o registro da Igreja do Paissandu como lugar de memória da população escrava negra.

**Referências bibliográficas**

- ALTUNA, Raul Ruiz de Asúa. *Cultura Tradicional Bantu*. Luanda: Editora Paulinas, 2014.
- AMARAL, Raul Joviano. *Os pretos do Rosário de São Paulo: subsídios históricos*. - São Paulo: Alauco, 1953.
- ARROYO, Leonardo. *Igrejas de São Paulo: introdução ao estudo dos templos mais característicos de São Paulo nas suas relações com a crônica da cidade*. Rio de Janeiro: Livraria José Olympio Editora, 1954
- BUENO, Beatriz Piccolotto Siqueira. *Tecido urbano e mercado imobiliário em São Paulo: metodologia de estudo com base na décima urbana de 1809*. Anais do Museu Paulista, V-13, N-1. Ano 2005.
- HOORNAERT, Eduardo. *A Igreja no Brasil-colônia (1550-1800)*. São Paulo: Editora Brasiliense, 1994.
- LEITE, Serafim. *História da Companhia de Jesus no Brasil (1938)*. São Paulo: Edições Loyola, 2004. 4 V.
- OMAR, Elmi H. *Irmandade de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos em Guarulhos. Identidade, Cultura e Religiosidade*. São Paulo, Editora Navegar, 2013.
- SOUZA, Ney de. *Catolicismo em São Paulo: 450 anos de presença da Igreja Católica em São Paulo*. São Paulo: Editora Paulinas, 2004.
- TINHORÃO, José Ramos. *Os negros em Portugal*. Lisboa: Editora Caminho S.A., 1988.
- TIRAPELLI, Percival. *Arquitetura e urbanismo no Vale do Paraíba: do colonial ao eclético*. 1. ed. - São Paulo: Editora UNESP/ Edições Sesc São Paulo, 2014.